

A cena surge do som: o elemento sonoro como condutor do processo criativo da montagem *Prazer Algum*

Morgana Fernandes Martins
Programa de Pós-Graduação em Teatro - UDESC
Mestranda - Teatro - Or. Profa. Dra. Vera Collaço
Bolsa CAPES

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o relato do processo de construção teatral da montagem *Prazer Algum*, realizada por alunos de graduação e mestrado em Teatro da UDESC. O processo desse trabalho realizou-se durante o segundo semestre deste ano e o relato enquanto diretora e compositora de seu repertório sonoro. Por meio desse processo coloco em prática os estudos teóricos que venho elaborando sobre repertório sonoro da cena teatral enquanto dissertação. Neste processo são as possibilidades dos detalhes sonoros que induzem as ações dos atores, assim como influenciam na representação do texto dramático trabalhado por eles. Um trabalho onde o jogo entre a dramaturgia textual e a criação dos atores acontece apoiando-se no elemento sonoro como ferramenta de experimentação cênica.

Do início...

Ingressei no Programa de Pós Graduação em Teatro da UDESC em março de 2009. Nesse período, quando comecei a pesquisa para a confecção de minha dissertação, tinha grande vontade de dirigir um trabalho em que pudesse colocar em prática a pesquisa que começara a realizar. No final do primeiro semestre de 2010, conversei com dois amigos a respeito das nossas vontades em comum de montar um espetáculo teatral. Uma dessas pessoas era Lisa Brito, com quem compartilho minha morada e, desde quando nos conhecemos, em agosto de 2009, conversamos cotidianamente sobre teatro, sobre nossas pesquisas e sobre a arte na qual acreditamos. A outra pessoa era Luiz Felipe Bianchini, um grande amigo e uma pessoa com a qual sempre tive vontade de trabalhar. Ao final dessa conversa, convocamos o quarto elemento da futura equipe, Bárbara Teles Cardoso, para trabalhar conosco. Bárbara aceitou o convite e a idéia estaria então pronta para ser colocada em prática.

Lisa e eu começamos o processo lendo alguns textos dramáticos de seu pai, o autor, professor e pesquisador teatral Iremar Brito. Após a leitura de vários de seus textos, optamos por três deles. A sugestão foi montar os textos *Arqueólogos do futuro*, *A máquina amarela* e *Com a faca na alma*. Propus realizar a direção do trabalho vinculada à pesquisa que realizo no mestrado, que se trata das funções e possibilidades do repertório sonoro na cena teatral.

Junto com minha pesquisa de mestrado, nesse projeto também vinculamos a pesquisa de mestrado de Lisa, também mestranda do PPGT-UDESC, como preparadora de

elenco a partir de jogos teatrais desenvolvidos sobre a perspectiva de jogo de Peter Brook. Bárbara e Luiz também são alunos da UDESC, como graduandos, integrando assim uma equipe de alunos, pesquisadores e realizadores do fazer teatral.

Iniciamos os ensaios na segunda semana de julho, realizando um esquema de ensaios intensivos de férias. Nosso objetivo seria estrearmos no final de outubro de 2010. Realizamos uma estrutura de ensaios iniciais de seis horas por dia, cinco dias por semana, durante duas semanas. Nos primeiros ensaios, minha atenção voltou-se à sonoridade vocal e corporal dos atores e como eles se relacionavam com suas qualidades sonoras e com as qualidades sonoras uns dos outros.

Meu objetivo nesse projeto, enquanto relação à pesquisa da dissertação, era explorar as variáveis do som na cena. O repertório sonoro de uma cena pode abranger diversos aspectos e qualidades em meio a um espetáculo cênico. Esse elemento responde por toda a sonoridade produzida em cena, desde som do primeiro passo do ator entrando em cena, até o último som que antecede o final do espetáculo.

Atenta a essa série de qualidades que o repertório sonoro pode abranger, propus explorar diferentes focos sonoros para cada texto que iríamos construir em cena. Após as primeiras e intensivas semanas de ensaio, surgiram não apenas o título do espetáculo, *Prazer Algum*, como também as bases sonoras que me indicariam caminhos por aonde conduzir essa direção sonora da cena.

No início de agosto, já tínhamos claro as linguagens por onde iríamos trilhar cada texto a ser representado. O primeiro texto da montagem, *Arqueólogos do futuro*, seria construído através da linguagem de vídeo, o público assistira por meio de um aparelho televisor, na antessala do teatro, a cena que estaria acontecendo ao vivo no palco. O segundo texto, *A máquina amarela*, adotaria uma proposta cômica, utilizando como espaço de representação o recorte de uma janela feito em um grande tecido pendurado frontalmente em frente ao palco. O terceiro texto, *Com a faca na alma*, corresponderia a uma estética realista, utilizando todo o palco como espaço de representação, iniciando a cena após a queda do tecido pendurado. Todas essas decisões técnicas e estéticas a respeito das cenas dos três textos foram estabelecidas e mantidas até o presente momento. A partir dessas definições foi possível pensar na direção das cenas, tendo como ponto de partida as qualidades sonoras propostas por cada uma delas.

Arqueólogos do futuro: uma fusão entre a sonoridade eletrônica e real da cena

A proposta de direção do texto *Arqueólogos do futuro* tem como foco a dimensão sonora estabelecida e emitida pela voz dos atores, Luiz e Bárbara. A sonoridade da cena joga com os momentos das falas em que são ouvidas pelo público através do aparelho televisor e os momentos em que o público ouve a sonoridade da voz dos atores vinda diretamente do palco. O espaço onde se estabelece o público e onde fica o palco foi dividido por um grande tecido branco que impossibilita a visão do espectador para o palco. Porém essa barreira é somente visual, é possível, em alguns momentos propositais da cena, o público ouvir os atores representando diretamente do palco, sem ter a possibilidade de ouvir a cena por meio do aparelho televisor.

A proposta é jogar com a dimensão sonora e as diferentes referências direcionais por aonde chega o som aos ouvidos do espectador. Esse jogo foi possível por causa da proximidade e distância da câmera que grava os atores no momento da cena e transmite ao público as ações cênicas que estes realizam. Quanto mais próxima a câmera está dos atores, mais o público ouve por meio do aparelho televisor a execução de suas falas e, por consequência, quanto mais distante a câmera está dos atores na cena, o público percebe com maior clareza o som que vem diretamente do palco. Essa proposta possibilita uma fusão entre teatro e vídeo, uma vez que o público tem de buscar do palco teatral a sonoridade que complementa a imagem que assiste do vídeo. Encaro a direção sonora do texto *Arqueólogos do futuro* como um teste de audição da cena, pois cada espaço teatral por onde esta cena acontecerá, terei de realizar uma estrutura espacial onde seja possível atingir esta proposta sonora, este fator põe-me à prova em cada apresentação realizada.

A máquina amarela: a sonoridade que busca dialogar com o cômico e o som do público

O texto *A máquina amarela* sugere uma interpretação cômica de si. Evidentemente o mesmo texto propõe aberturas para diversas estéticas, porém a comicidade foi adotada para este texto neste trabalho. O texto conta a situação de duas mulheres que dividem um apertado apartamento e que são obrigadas a conviver diariamente com o barulho ensurdecador e enlouquecedor de tal máquina amarela que começa a funcionar diariamente a partir das sete horas da manhã. Optamos por um trabalho de ator voltado ao *clown*; as atrizes da cena, Lisa e Bárbara, desenvolveram qualidades vocais e corporais extra cotidianas, os figurinos são exageradamente amarelos e ambas usam perucas loiras com faixas amarelas em suas cabeças. A cena se passa pelo recorte de uma janela estruturada por meio de uma lona de tecido que tem pintada em si a fachada de um prédio de periferia.

Foram três as bases sonoras que conduziram a direção dessa cena: a sonoridade das vozes das atrizes e o ritmo e variações de timbres em suas falas; as músicas das cenas; e o som vindo do público. A criação das vozes extra cotidianas induziram a criação corporal das atrizes. Num primeiro momento eu sugeri às atrizes buscar timbres vocais que lembram desenhos animados e, a partir dessa sonoridade vocal, comecei a questionar as atrizes qual seria o corpo que portaria as vozes com as quais estavam explorando. A partir dessa qualidade vocal e corporal pesquisei as músicas da cena, a qualidade de desenho animado foi o caminho que trilhei para buscar as músicas deste texto. Músicas orquestradas, com ritmos acelerados e repetitivos que induzem a movimentação da cena foram os critérios de escolha dessas músicas. A última base sonora para a realização desta cena foi os sons provocados pelo público. Em determinados momentos do enredo do texto, o autor escreve que a máquina amarela produz barulhos ensurdecedores que interferem diretamente no cotidiano de suas personagens. Esses barulhos, na montagem *Prazer Algum*, foram produzidos pelo público por meio de instrumentos sonoros de brinquedo como buzinas, matracas, cornetas e demais objetos que produzem sons que representam o barulho ensurdecedor da máquina amarela. A questão do som produzido pelo público também é um teste sonoro a cada apresentação, pois nunca sabemos ao certo se o público participará conforme esperamos.

Com a faca na alma: a sonoridade realista

A criação cênica do texto *Com a faca na alma* partiu de uma proposta baseada dentro dos parâmetros do realismo. Por conta desse fator, a base sonora que induziu a construção da cena foi o silêncio. Durante o processo de criação de cena sugeri aos atores buscar o significado das palavras deste texto e expressadas apenas corporalmente. Ao longo dos ensaios as palavras, pouco a pouco surgiam e a qualidade corporal cada vez mais foi se aproximando de um corpo realista. Essa estrutura de criação gerou momentos longos de silêncio na cena e, através deles, acreditamos que o silêncio é capaz de traduzir e atingir sensações que as palavras não alcançam.

As falas ditas pelos atores desta cena, Lisa e Luiz, foram se estruturando como uma espécie de partitura musical, onde cada fala tem seu tempo, ritmo e pausas entre uma e outra. Essa maneira de pesquisar o texto falado na cena gerou um sutil e detalhado estudo sonoro da cena a partir da voz do ator, percebendo o sentido da fala através das qualidades sonoras exploradas: duração, timbre, intensidade, tonalidade.

... À continuidade

No presente momento, o espetáculo *Prazer Algum* realizou quatro apresentações. A estreia aconteceu no dia quinze de outubro de 2010 e conseguimos, por meio das pesquisas cênicas propostas, construir um espetáculo teatral que corresponde àquilo que acreditamos e temos vontade de alimentá-lo cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Roberto Gill. *Som e cena*. Sorocaba – SP: TCM-Comunicações, 2001.

MARTINS, Morgana Fernandes. *Música para ver, teatro para ouvir*: quando o repertório sonoro se torna a dramaturgia da cena. Monografia (graduação em Artes Cênicas) – Curso de Habilitação em Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

PAVIS, Patrice. *Análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema*. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo – SP. Perspectiva, 2005.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pererira. São Paulo – SP. Perspectiva, 1999.

TRAGTENBERG, Lívio. *Música de cena: dramaturgia sonora*. São Paulo – SP. Ed. Perspectiva: FAPESP, 1999.